

CURSO DE ENFERMAGEM

Daiane Goettems

**TODA MULHER QUER TER FILHOS? REFLEXÕES A CERCA DA NÃO
MATERNIDADE!**

Santa Cruz do Sul

2018

Daiane Goettems

**TODA MULHER QUER TER FILHOS? REFLEXÕES A CERCA DA NÃO
MATERNIDADE!**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Enfermagem da Universidade de Santa Cruz do Sul para a obtenção do título de bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Prof^ª. Enf^ª. Dr^ª. Vera Elenei da Costa Somavilla

Santa Cruz do Sul

2018

Daiane Goettems

**TODA MULHER QUER TER FILHOS? REFLEXÕES A CERCA DA NÃO
MATERNIDADE!**

Esta monografia foi submetida ao Curso de Enfermagem da
Universidade de Santa Cruz do Sul para a obtenção do título
de bacharel em Enfermagem.

Foi aprovada em sua versão final em 29 de junho de 2018.

Prof^a. Enf^a. Dr^a. Vera Elenei da Costa Somavilla

Professora Orientadora – UNISC

Prof^a. Ingre Paz

Professora examinadora – UNISC

Prof^a. Luciane Maria Schmidt Alves

Professora examinadora – UNISC

Santa Cruz do Sul

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela saúde, força e coragem durante toda essa trajetória acadêmica.

Aos meus filhos Lucas e Antônia que são a minha maior motivação, minha inspiração de ir além e buscar sempre mais, ser melhor a cada dia por eles e para eles. Meu marido Leandro que foi base foi porto seguro, sempre esteve comigo me motivando e a minha família que se fez presente, especialmente nos cuidados com as crianças e não mediram esforços para que eu conseguisse chegar até aqui.

A minha orientadora Vera da Costa Somavilla, pela oportunidade, disponibilidade, por toda dedicação, paciência, sabedoria e amor na construção deste trabalho, contribuindo diretamente para que fosse leve e prazeroso. Atendendo a todas as minhas expectativas, um exemplo de pessoa e profissional. Admiração e gratidão eterna.

Agradeço também aos demais professores e colegas, que foram fundamentais. Aprendi com cada um, a certeza de que saí da universidade muito melhor do que entrei.

Obrigada a todos de coração!

LISTA DE ABREVIACÕES

DSTs: Doenças Sexualmente Transmissíveis

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ONU: Organização das Nações Unidas

PNIAM: Programa de Incentivo ao Aleitamento Materno

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVOS	3
2.1 Objetivo Geral	3
2.2 Objetivos Específicos	3
3. REFERENCIAL TEÓRICO	4
3.1 A Fecundidade no Brasil	4
3.2 Idade reprodutiva	5
3.3 Mulheres que decidem não ter filhos	6
4. METODOLOGIA	11
4.2 Sujeitos do Estudo	12
4.3 Produção dos Dados	12
4.4 Percursos Éticos	12
4.5 Análise dos Dados	13
5 DISCUSSÃO	14
5.1 Não foi uma decisão da noite para o dia – Liberdade, Trabalho e Prioridades	14
5.2 Eventos determinantes para a decisão de não ser mãe	17
5.3 “Se eu engravidasse?”	20
5.4 Preconceito – Percepções e Sentimentos	21
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERENCIAS	30
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	34
APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	36

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva exploratória, que tem por objetivo problematizar com mulheres sobre a escolha de não ter filhos, conhecer os fatores determinantes para essa decisão e identificar as percepções destas mulheres em relação a não maternidade. Participaram da pesquisa 16 mulheres, maiores de 18 anos, que optaram em não ter filhos. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. Para análise dos dados foram utilizados mapas de associação de ideias. Os resultados apresentam uma mudança no papel feminino, evidenciando um movimento das mulheres em busca de autonomia e independência profissional e financeira. Os resultados desta pesquisa indicam a necessidade de aprofundar o assunto com o intuito de aceitar as novas formas de configuração familiar contemporânea relacionada ao papel da mulher para além da sua função materna.

Descritores: Saúde da Mulher, Maternidade, Enfermagem.

1. INTRODUÇÃO

O cenário atual apresenta um panorama interessante sobre a inserção das mulheres na sociedade. Porém, apesar da liberdade dos tempos atuais, da autonomia das mulheres em relação à tomada de decisões em suas vidas, as mulheres ainda sentem dificuldades de assumir publicamente a decisão de não serem mães.

Ser mãe ainda é considerado na sociedade algo tomado como fazendo parte da vida da mulher, intrínseco ao reconhecimento como ser do sexo feminino e necessário para garanti-lo. Tanto que são comuns amigos, parentes e até desconhecidos questionarem as mulheres em idade reprodutiva sobre quando serão mães.

Este comportamento é fruto de um estereótipo que, ao longo da história, acredita que para se realizar como sendo mulher necessita “preencher” o requisito da efetividade da maternidade, biologicamente se sabe que existe um organismo preparado para isto. Aspecto que foi se modificando ao longo da história, e hoje existe uma série de possibilidades para que as mulheres escolham se querem ou não vivenciar a experiência de ser mãe. A oferta de meios para prevenir uma gestação como, por exemplo, pílula anticoncepcional, tornaram possível uma maior autonomia em relação à sexualidade, viabilizando a escolha de não ter filhos ou de quando tê-los (FIDELIS e MOSMANN, 2013).

De acordo com as autoras acima o número de casais com filhos está sofrendo uma redução significativa no Brasil, sendo que o Rio Grande do Sul tem a menor taxa de natalidade do país. E a taxa de fecundidade da mulher brasileira está abaixo da média mundial. Apesar deste panorama, a primeira e esperada escolha para as mulheres ainda é a maternidade, o que conduz muitas mulheres a seguirem esta prescrição social, mesmo tendo dúvidas desta decisão.

Na atualidade, parece mais frequente encontrar mulheres que decidem não ter filhos. Este comportamento pode estar atrelado à inserção no mercado de trabalho, mas também a uma multiplicidade de fatores. As profissões da área da saúde, em sua formação aprendem que ser mãe é uma função intrínseca das mulheres e acabam tomando isso como uma prescrição. E em algumas circunstâncias podem adotar uma postura preconceituosa. Deste modo, cabe perguntar como as mulheres que tomam essa decisão percebem as abordagens dos profissionais da saúde.

Ao tomar a decisão por esta temática, não tinha uma noção clara de que havia tanta produção sobre a mesma. Em uma pesquisa breve na *internet* surgiu uma série de

blogs, assim como artigos científicos que problematizam as escolhas das mulheres que não querem ser mãe.

O IBGE (2010) publicou que um em cada cinco casais não tem filhos e uma em cada dez mulheres não pretende engravidar. As afirmações citadas acima indicam que este é um tema que necessita ampliar suas discussões tanto com as mulheres, quanto no âmbito da formação acadêmica, justificando assim a realização deste estudo.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Problematizar com mulheres sobre a escolha de não ter filhos.

2.2 Objetivos Específicos

Conhecer quais são os fatores considerados determinantes para decisão de não ter filhos;

Identificar as percepções destas mulheres em relação à maternidade;

Analisar como estas mulheres percebem a assistência a saúde quando manifestam o desejo de não ter filhos.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A Fecundidade no Brasil

No Brasil, as taxas de fecundidade estão em constante declínio. Com o avanço de uma sociedade rural e tradicional para uma sociedade urbana e moderna diminuíram o índice de natalidade, mortalidade e fecundidade (VASCONCELOS e GOMES, 2012). Entre 2000 e 2012, ocorreu uma redução de 13,3% no número total de nascimentos no país, ou seja, 450 mil nascimentos a menos, que no ano de 2000.

O número de mães com 30 anos ou mais de idade passou de 22,5% para 30,2%. Mas a proporção das mães com idade inferior a 15 anos continuou representando cerca de 30 mil nascimentos no ano. Indicando a queda da taxa de fecundidade em idade mais tardia. A taxa de fecundidade total, expressa o número médio de filhos que uma mulher tem durante o período reprodutivo. Em 2005, a taxa de fecundidade ficou inferior ao nível de reposição populacional. Em 2012 a taxa ficou em 1,77 filhos/mulher, indicando a tendência na redução populacional (BRASIL, 2013).

Todas as regiões indicaram taxa de fecundidade inferior ao nível de reposição, exceto a região norte que teve o índice de 2,24 filhos/mulher, já na região Sul se obteve o menor nível com 1,66 filhos/mulher. No Brasil, os níveis de fecundidade até a década de 1960 eram elevados, em 1970 iniciou de forma lenta uma redução importante, acentuando-se e alcançando níveis muito reduzidos (BRASIL, 2013).

Miranda-Ribeiro et al. (2013) define de "efeito do envelhecimento da fecundidade", a queda no nível de produtividade das mulheres. Muitas vezes, elas recuperam no futuro a fecundidade atrasada, mesmo assim a tendência é de números reduzidos. Os níveis refletem diretamente o comportamento do país como um todo

Segundo pesquisa realizada pelo IBGE, a taxa de fecundidade brasileira passou de 2,14 filhos por mulher em 2004, para 1,74 em 2014, queda de 18,6%. A faixa etária de maior fecundidade em 2014 era a das mulheres de 20 a 24 anos (91,9 filhos por mil mulheres), correspondendo a 26,5% do que era registrado em 2004. Em adolescente (de 15 a 19 anos) caiu de 78,8 para 60,5 filhos por mil mulheres, mas a participação deste grupo na fecundidade total permaneceu alta (17,4%). Dentre as jovens de 15 a 19 anos que tiveram algum filho nascido vivo, 35,8% residiam na região Nordeste, 65,9% tinham 18 ou 19 anos, 69,0% eram pretas ou pardas e a média de anos de estudo foi de 7,7 anos, sendo que somente 20,1% ainda estavam estudando e 59,7% não estudavam e não trabalhavam (PORTAL BRASIL, 2015).

O Brasil ainda apresenta um aumento da população, mesmo com as taxas de crescimento cada vez menores. Segundo estimativa, em 2040 se espera números negativos, iniciando um processo de redução da população. Esse processo de transição demográfica iniciado na década de 1950 resultou no aumento da população idosa (MIRANDA, MENDES e SILVA, 2017).

As mulheres passaram a investir na educação e em suas carreiras profissionais para mais tarde, decidir sobre a maternidade, o que passou a envelhecer a taxa de fecundidade. A velocidade da queda na taxa de fecundidade foi mais rápida entre as mulheres pobres e de menor escolaridade (MIRANDA-RIBEIRO e POTTER, 2010).

Tais avanços são frutos de vários segmentos da sociedade, como o elaborado em 2000, pela Organização das Nações Unidas (ONU), que estabeleceu a autonomia das mulheres, pela informação em saúde, direitos sexuais e reprodutivos, favorecimento de oportunidades no mercado de trabalho e inserção na participação das mulheres na política. Valoração da saúde materna e que a mesma usufrua ao acesso universal à anticoncepção (BRASIL, 2013).

Ainda que nos últimos anos tenha ocorrido um grande avanço no Brasil, as mulheres continuam sofrendo discriminações. A carência de informação se reflete nos índices elevados de morte materna, infecções por Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), gestações indesejadas e abortos inseguros. Os profissionais de saúde permanecem deficientes nos temas relacionados à saúde sexual e reprodutiva (MEDEIROS et al., 2014).

3.2 Idade reprodutiva

A seguir, serão apresentados aspectos relacionados à idade reprodutiva, devido este ser um fator que pode interferir na decisão de não ter filhos. Na medida em que de acordo com os referenciais consultados, as mulheres estão priorizando a carreira profissional e em alguns casos retardando a decisão de engravidar. E quando decidem a idade avançada é um argumento que interfere para decisão de não terem filhos.

A idade que as mulheres passaram a ter filhos é outro aspecto que mudou consideravelmente. Pois, na década de 70 as mulheres constituíam uma família, com cerca de 20 à 25 anos, idade em que normalmente tinham seus filhos. Atualmente, as mulheres em função de estarem inseridas no mercado de trabalho de forma mais efetiva, acabam protelando a maternidade. E em algumas situações quando decidem investir em

uma gestação, entraram na faixa etária de risco, e acabam optando por não serem mães (VASCONCELOS e GOMES, 2012).

De acordo com Gravena et al. (2012) vêm crescendo o número de gestações entre mulheres após os 35 anos. A justificativa para isto é que as mulheres estão preferindo investir na formação e carreira profissional, em protelar o casamento, na constituição de novas uniões, na diversidade de métodos contraceptivos e problemas de infertilidade. Mulheres de 35 a 39 anos que engravidam, correm risco maior de mortalidade materna do que as mulheres com 20 anos, se acentuando ainda mais acima dos 40 anos.

Estas observações são evidenciadas pelos dados do IBGE, a proporção de mulheres que não tiveram filhos aumentou em todos os grupos etários, sendo que, na faixa etária dos 25 aos 29, 40,8 não tiveram filhos, na faixa dos 30 aos 34 a proporção foi de 20,6 (IBGE, 2010).

Outro aspecto que corrobora com a alteração do comportamento reprodutivo feminino, pode ser observado também pelo número de laqueaduras tubárias que vem crescendo consideravelmente. De acordo com Moraes (2012), desde a década de 1990, este é um método que vem sendo cada vez mais adotado por mulheres nas mais distintas faixas etárias.

3.3 Mulheres que decidem não ter filhos

As transformações sociais ocorridas a partir do século XVII marcaram significativas mudanças nos papéis femininos. Neste século o papel da mulher restringia-se a gerar filhos e responsabilizar-se pelo desenvolvimento dos mesmos a partir de uma relação associada ao casamento. Ou seja, a mulher já nascia com o destino traçado de casar-se e reproduzir-se. Atualmente a mulher pode escolher quais funções quer desempenhar, optando por ser mãe ou não (FIDELIS e MOSMANN, 2013).

Fidelis e Mosmann (2013) afirmam que o surgimento da pílula anticoncepcional mudou significativamente a forma das mulheres pensarem sobre a maternidade. Porém, apesar dos avanços a opção de não ter filhos pode ser considerado um desafio que impactam nos aspectos emocionais. Pois, a sociedade ainda estranha que uma mulher não tenha o desejo de ser mãe.

Para muitos, a maternidade está associada à glorificação e a realização de vida, uma casa cheia de filhos relacionada a uma família feliz. Maier (2008) ressalta que quanto mais a fertilidade cresce, menos as pessoas são felizes, pois sofrem para educá-

las, tem condições simples de recursos humanos e o desemprego geral. Se tornar mãe reflete o sacrifício de todo o restante, vida de casal, lazer, vida sexual, amigos e sucesso social.

Badinter (1985) retoma a discussão do que se refere à inconstância e a não universalidade do desejo das mulheres conceberem, problematizando que ter um filho “é a decisão mais perturbadora que um ser humano é levado a tomar na vida”. Ainda hoje quando a mulher refere que obteve poucas satisfações com a maternidade ela é vista socialmente como uma espécie de monstro. Há uma tendência de que casais sem filhos parecem ainda hoje uma anomalia.

No início da humanidade, o homem apreciava filhos numerosos, era preciso povoar o mundo. Desde a pílula e o aborto, a criança passou a ser desejada, deixou de ser uma consequência de um ato sexual, mas uma vontade controlada pela ciência. Nos dias atuais existem “opositores conscientes” da fertilidade, aqueles que não querem ter filhos. Porém, para estar inserido no convívio social atualmente significa ter emprego e/ou filho (MAIER, 2008).

Esta valorização do instinto materno de acordo com Tatagiba (2011) remete a explicações alicerçadas na biologia que valoriza o papel da mulher relacionado à sua capacidade de reprodução. Desde os anos 1980, a maternidade vem sendo reconsiderada como a experiência marcante da feminilidade.

É indispensável ficar evidente que filho não é um direito nem necessidade, é simplesmente uma possibilidade. Criar filhos não é uma tarefa fácil, é necessário respeitar horários, assumir compromissos inadiáveis, comportar suor, lágrimas e chateações. Esta é uma proposição que indica que o ideal materno choca-se violentamente contra as obrigações cada vez mais exigentes do mundo do trabalho, indicando a necessidade de redefinição da identidade feminina, a partir da resistência contra a maternidade (TATAGIBA, 2011).

As mulheres modernas são mães, trabalhadoras, companheiras, cumprem tarefas domésticas, buscam os filhos na escola, frequentam reuniões de pais e filhos, acompanham nas consultas pediátricas. Muitas vezes precisam sair mais cedo do trabalho, perdem reuniões, e acabam recusando ofertas de emprego. Segundo uma economista, as mulheres perdem, em média, de 100 mil a 150 mil, ao longo da carreira, criando os filhos (MAIER, 2008).

Estes fenômenos influenciam nas possibilidades de escolha de ser ou não ser mãe, assim como no número de filhos e quando tê-los. São decorrentes das

transformações na família, no casamento, na maternidade, na paternidade e no mundo do trabalho feminino. Se passou de uma época em que casar e ter filhos era visto como um destino da mulher, para uma época onde isso está entre as tantas opções, devido as fronteiras entre família e profissão estarem sendo redefinidas. Pois, os lugares sociais pré-determinados deixaram de ordenar o destino das mulheres, que tem a possibilidade de se auto inventar (RIOS-LIMA, 2012).

Rios-Lima (2012) pontuam que o controle sobre a maternidade é um fenômeno que se consolidou no século XX, a partir da sociedade industrial que foi responsável pela transição do modelo tradicional de maternidade para um modelo moderno de mulher. Onde é perceptível a tomada de consciência das mulheres na construção de uma escolha reflexiva da maternidade, marcadas pelas relações de classe, gênero, cultura e nível de informação.

A maternidade significa emprego em horário reduzido, sem promoção, onde 31% das mulheres trabalham em meio expediente, disponibilizando tempo para o dever materno. Há 50 anos eram os homens que decidiam o momento de ter filhos, eles transformavam as mulheres em mães, até mesmo contra a vontade delas. Hoje, as mulheres têm o total controle, se os filhos devem vir ao mundo ou não e quando (MAIER, 2008).

Tais afirmações possibilitam conhecer as possíveis razões para não maternidade, e como o papel materno vem sendo negociado diante dos outros papéis exercidos pela mulher. Como é possível observar dentre as funções sociais exercidas pela mulher a maternidade é a que adquiriu maior valor social. Porém os métodos contraceptivos, o divórcio, a inserção no mercado de trabalho, originaram uma nova conotação da figura feminina no meio social. A diversidade de papéis e as novas possibilidades de escolha das mulheres acabam exigindo que elas façam opção de algumas em detrimento de outras, ou assumem múltiplas escolhas e se sobrecarregam (FARIAS e BARROS, 2011).

A escolha de uma carreira profissional em detrimento da maternidade pode indicar que o trabalho passou a ser prioridade na vida das mulheres. Dúvidas, fantasias e ambivalências permeiam esta escolha e impactam na forma como a maternidade vem sendo conduzida (FARIAS e BARROS, 2011).

O lugar da maternidade na vida da mulher contemporânea apresenta semelhanças nos distintos momentos históricos, trazendo desafios relacionados à conciliação de papéis, pois, a mulher encontra-se diante de espaços sociais com

inúmeras possibilidades. Deixando claro que a maternidade, não ocupa lugar primordial na vida e nos desejos femininos, sendo que algumas mulheres estabelecem pré-condições para se tornarem mães, tais como, formação acadêmica, situação econômica estável, reconhecimento profissional e parceiro ideal (BARROS, ALVES e CAVENAGHI, 2008).

No entanto, a presença das mulheres no mercado de trabalho, a fragilização dos laços matrimoniais a falta de condições apropriadas, o compromisso pelo qual a mulher é responsabilizada, acabam por adiar ou até mesmo interferir na decisão de ter ou não filhos. A mulher quando passa a ser mãe, é responsável pela integridade física e psíquica do filho, acarretando em sacrifícios, renúncias da vida pessoal e projetos (PATIAS e BUAES, 2012).

No Brasil, existem os programas Bolsa-Família e o Programa de Incentivo ao Aleitamento Materno (PNIAM). Os mesmos divulgam que o cuidado dos filhos se liga diretamente a figura feminina. Pelo olhar social, as mulheres seriam as únicas responsáveis pelos filhos (PATIAS e BUAES, 2012).

As mulheres sofreram a negação de todas as capacidades na esfera pública, foram afastadas dos negócios, efeitos que até hoje ainda podem ser sentidos. A mulher durante muito tempo ficou enclausurada no espaço doméstico, voltada para os cuidados e educação dos filhos. Dificultando a busca por uma carreira profissional, se resumindo a profissão de ser mãe e dona de casa. Apesar de hoje já existir um processo acelerado de transformações no papel masculino e feminino, ainda continuam presentes as cobranças na mulher/mãe (BARBOSA e ROCHA-COUTINHO, 2012).

As possibilidades de escolha, na questão da maternidade são extremamente recentes, inclusive a possibilidade de separar sexo de procriação. Pois desde a segunda metade do século XX, permitiu-se a elas o poder de escolha, ser ou não mães e o número de filhos. Contudo a mulher precisa estar preparada para desejar outros projetos, pessoais, profissionais e sociais (BARBOSA e ROCHA-COUTINHO, 2012).

O papel da mulher e a identidade feminina foram construídos em função da maternidade. Existiu um modelo de família normal, que era integrada por um pai provedor, uma mãe dona de casa e seus filhos. Alguns acontecimentos decisivos no século XX colaboraram para mudanças na percepção de família, mas não a exclusão desta estrutura. É possível perceber que mulheres que optaram por não ter filhos, em algumas situações demonstram certa ambivalência, reflexo de suas histórias de vida, indicando que esta análise é ampla e complexa (FIDELIS e MOSMANN, 2013).

Neste contexto, surge a geração “*Not Mothers*” que é constituída por mulheres que não tem filhos por falta de vontade, esterilidade, dificuldades de encontrar um companheiro ideal, carreira profissional, entre outras motivações. A escolha pela não maternidade promove o rompimento do padrão feminino tradicional, estabelecendo um fato com direções multidimensionais. As reflexões que envolvem esta decisão estão compostas pela desconstrução do mito do instinto materno, pela observação de que a vida feminina possui uma multiplicidade de dimensões, e a maternidade é apenas uma delas (SILVA, 2016).

No contexto atual as pessoas que não tem filhos têm sido tratadas como um grupo homogêneo e de certo modo problemático. Há um investimento em caracterizar as pessoas que decidem não ter filhos a partir de suas peculiaridades psicológicas, é como se houvesse a necessidade de encontrar um diagnóstico para esta decisão. Observa-se que os empreendimentos científicos se voltam para a compreensão das mulheres que decidem não ter filhos, sendo este um comportamento que foge dos padrões instituídos, e deve ser compreendido, estudado e justificado (CHAVES, 2011).

4. METODOLOGIA

No intuito de conceitualizar metodologia de pesquisa, Minayo (2014) ressalta o importante cuidado de tratar as questões epistemológicas e os instrumentos operacionais de maneira abrangente e concomitante. Seria, portanto, a forma que se dá as inquietações epistemológicas sobre a maneira com que se procede ao pensamento sobre o que se investiga, também compreende a definição mais efetiva e precisa dos métodos, das técnicas e dos instrumentos que foram utilizados para dar conta da investigação proposta. E por fim, este conceito igualmente foi composto pela maneira com que o pesquisador tratou teoria, métodos e demais achados anteriores em resposta ao seu questionamento inicial.

A pesquisa qualitativa proporciona construir novas abordagens e novos conceitos, permitindo a possibilidade de esclarecer a maneira como a população interpreta o modo de viver, sentir e pensar. Analisa a história, relações, crenças, percepções e opiniões, concedendo novas abordagens, a revisão e criação de novas ideias durante análise. Definiu-se de forma empírica e pela sistematização progressiva do conhecimento até a compreensão da lógica interna do grupo ou processo do estudo (MINAYO, 2014).

Gil (2009) destaca que pesquisa descritiva tem objetivo de relatar características de determinada população ou fenômeno ou estabelecer relações entre variáveis. E ainda, ressalta que não há interferência do pesquisador, elencou a frequência com que um evento ocorre, sua natureza, características, causas, relações e conexões com outros fenômenos.

De acordo com Minayo (2014), a pesquisa exploratória envolve desde a etapa de construção do projeto até os procedimentos e testes para entrada em campo. Abrange a escolha do tópico de investigação, a delimitação do problema, a definição do objeto e dos objetivos, a construção de hipóteses e do marco teórico conceitual, a elaboração dos instrumentos de coleta de dados e da exploração do campo.

4.1 Local do Estudo

Este estudo foi desenvolvido no Serviço Integrado de Saúde (SIS – UNISC). Clínica escola onde é desenvolvido estágios dos cursos de psicologia, nutrição, medicina e enfermagem. No ano de 2017, foram realizados 29.407 atendimentos nestas quatro áreas, sendo que o público feminino representa um número significativo de usuários. Aspectos que justificam a escolha deste local para o desenvolvimento do presente estudo.

4.2 Sujeitos do Estudo

Fizeram parte deste estudo mulheres acima de 18 anos, até os 50 anos que decidiram não ter filhos. Esta faixa etária foi definida considerando a emancipação e entrada no período do climatério.

Este estudo não ofereceu riscos. Caso o sujeito de pesquisa se sentisse prejudicado, poderia manifestar seu desconforto e retirar-se da pesquisa a qualquer momento.

Os critérios de seleção dos sujeitos foram os seguintes:

Ter a faixa etária descrita;

Assinar o termo de consentimento livre e esclarecido;

Disponibilizar-se a responder a entrevista de forma voluntária.

4.3 Produção dos Dados

Para atender as indicações da metodologia qualitativa descritiva exploratória foi realizada entrevista individual semiestruturada, composta por um roteiro de questões abertas (Apêndice).

Minayo (2014) conceituou o roteiro de entrevista como uma lista de temas que apresentaram indicadores qualitativos da pesquisa, sendo que seu principal objetivo foi operacionalizar a abordagem dos sujeitos que compõe a amostra. A entrevista foi utilizada como um guia que permitiu compreender o ponto de vista dos pesquisados.

Esta autora pontuou ainda que a entrevista semiestruturada é um instrumento que auxilia no conhecimento dos indicadores essenciais para fundamentar a análise. Sendo que o roteiro deve ser flexível para que absorva temas trazidos pelos sujeitos. Sendo assim, as questões abertas permitem informações mais qualificadas.

A entrevista foi realizada pela autora, a partir de agendamento prévio dos sujeitos que se incluíram nos critérios descritos acima. Os números de entrevistas seguiram o critério de exaustão dos dados, quando as respostas se tornaram repetitivas as entrevistas foram encerradas. Ou seja, critério de exaustão foi determinado quando os dados passaram a não apresentar informações novas (SILVEIRA et al. 2009).

4.4 Percursos Éticos

Este estudo está orientado pelas normas da resolução 466/2012 do Conselho Nacional da Pesquisa, deste modo percorreu as seguintes etapas:

Solicitação de autorização para desenvolvimento do estudo a coordenação do SIS;

Submissão ao comitê de ética em pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul, que obteve aprovação com o parecer nº 2.417.740, CAAE: 80448517.5.0000.5343 (anexo: B);

Utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias assinadas pelo pesquisador e pelo sujeito;

Os dados produzidos citados na versão final do estudo são identificados com a letra M seguidos de um número de acordo com a sequência das entrevistas, com objetivo de garantir o sigilo e o anonimato das participantes;

Importante ressaltar que este estudo não ofereceu nenhum tipo de riscos aos sujeitos da amostra, mas caso estes sentissem qualquer tipo de desconforto decorrente da realização da entrevista, poderiam solicitar a interrupção de sua participação;

No que se refere aos benefícios do estudo, ele proporcionou a realização de reflexões que podem colaborar para qualificação da assistência prestada as mulheres que decidem não ter filhos, oferecendo subsídios aos profissionais da saúde no que se refere a esta temática.

4.5 Análise dos Dados

Após a coleta dos dados, estes, foram organizados em mapas que possibilitam a sistematização e análise dos mesmos. Tais mapas são denominados de mapas de associação de ideias, e permitem uma maior visibilidade dos resultados facilitando a interpretação dos mesmos.

De acordo com Spink (2010), os mapas permitem que os dados sejam explorados facilitando o processo de interpretação, a construção das categorias que o compõe auxilia na reflexão dos objetivos iniciais, fase extremamente importante da pesquisa.

5 DISCUSSÃO

Os resultados oriundos da discussão dos dados são apresentados a partir da organização de um grupo de categorias que originaram-se nos mapas de associação de ideias, resultantes das manifestações das mulheres entrevistadas. Desta organização surgiram as seguintes categorias: 1) *Não foi uma decisão da noite para o dia – liberdade, trabalho e outras prioridades*; 2) *Eventos determinantes para a decisão de não ser mãe*; 3) *“Se eu engravidasse?”*; 4) *Preconceito – Percepções e Sentimentos*. As falas estão apresentadas exatamente como foram ditas e serão analisadas a luz da análise do discurso.

5.1 Não foi uma decisão da noite para o dia – Liberdade, Trabalho e Prioridades.

Inicialmente questionamos as participantes da amostra sobre os fatores que interferiram na decisão de não ter filhos, onde foi possível observar quatro motivações: a primeira delas se refere à prioridade da vida profissional em detrimento da maternidade aspecto este que pode ser observado nas falas citadas a seguir:

“Não foi uma decisão da noite para o dia. Um dos fatores é eu estar sozinha há três anos e os médicos sempre dizem que o ideal é até os 40 anos. Me dediquei ao lado profissional, descobri o que amo fazer e parei pra pensar o quanto valia a pena abrir mão disso para me dedicar a um bebe, abrir mão da liberdade. Viajar, dormir a hora que quero, comer o que quero, trabalhar até qualquer horário. Também hoje os pais criam grandes expectativas nos filhos, se meu filho mais tarde usar drogas? Se for gay?” M1

“Quando eu tinha 28 anos, eu queria muito ter filhos. Mas também tinha vontade de ter uma casa, um carro, e por isso precisei priorizar o trabalho. Hoje essa vontade passou, acho lindo, mas eu não quero ter.” M3

“Na verdade não houve uma decisão, com o passar do tempo foi acontecendo. Não tive vontade de ter filhos, mas sim de me dedicar e crescer profissionalmente.” M9

“Primeiro porque decidi focar nos meus objetivos e finaliza-los, os anos foram passando e as metas aumentando. Tenho sobrinhos que amo como meus e tenho certeza que posso contar com eles.” M14

Vários estudos (PATIAS E BAUES, 2012; BARBOSA E ROCHA-COUTINHO, 2007) corroboram com os dados descritos acima, onde é possível observar a opção das mulheres em investir na carreira profissional antes de pensar em ter filhos. Evidenciando um movimento das mulheres em busca de autonomia e independência profissional e financeira. Algumas mulheres acreditam que conciliar a vida de mães com a profissão é uma tarefa que exige muito, e também ha uma intensa

cobrança em relação a possíveis frustrações e associação aos papéis exercidos, ou seja, a vida profissional interfere na maternidade e a maternidade interfere na vida profissional (FIDELIS e MOSMANN 2013).

O segundo fator apontado pelos sujeitos da amostra se refere ao destino, socialmente a primeira escolha da mulher ainda é maternidade, porém ser mãe também depende de uma série de fatores relacionados às vivências afetivas. É possível observar nos depoimentos a seguir, que este é um aspecto presente na decisão destas mulheres em não terem filhos.

“Sempre fui insegura sobre a questão de ser mãe, acho que não teria paciência e acabei protelando. Teve a questão que fiquei anos sozinha, foi aí que me acomodei. Tenho um relacionamento há dois anos e ele também não quer.” M4

“Foi na falta de decidir a hora certa. Sempre esperei a “Inspiração divina” e ela nunca chegou” M7

“Não foi uma decisão de uma hora para outra, foi acontecendo com o tempo. Não surgiu a vontade de ser mãe” M10

“Destino, nunca pensei em ter filhos meus, já desde pequena, mas amo criança e tenho muitos “filhos” na minha vida profissional”. M11

“Pensei muito, achei que não era hora ainda, ficou muito tarde e minha vida tomou rumos que não cabia uma criança.” M13

“Não teve um momento exato, meu objetivo de vida foi uma vida estável emocionalmente e financeira. Não me recordo de em algum momento ter “vontade” de ter filhos.” M15

As falas acima apontam fatores como o destino, os rumos da vida, a espera do momento certo e a falta de vontade como fatores determinantes para a decisão. Tais manifestações indicam que as mulheres estão descobrindo que podem vivenciar outras experiências emocionais além da maternidade, sendo que o desejo, a possibilidade de ser mãe não é prioritária em suas vidas. Exemplo disto pode ser observado nas manifestações que citam que elas nunca tiveram vontade de ser mães.

Fidelis e Mosmann (2013) escrevem que a opção pela não maternidade pode ocorrer sem conflitos, por estar associada a uma disponibilidade interna, “nunca pensei em ser mãe”, que favorecem a tomada de decisão a partir da combinação de fatores que refletem a sua história de vida a interação entre medo e desejo, capacidade e limitações, personalidade e circunstâncias socioculturais.

Aspectos estes que também podem ser observados no terceiro fator que leva a essa decisão, onde as manifestações incluem situações dos relacionamentos e privações. Exemplos disso estão descritos a seguir.

“Foi com o passar dos anos. Após os 30 anos já havia decidido que não teria. Pois não queria abrir mão da liberdade e também da minha rotina de trabalho”. M2

“Foi por causa da responsabilidade que se tem e deve ter a partir de gerar uma criança. Pois é para toda vida.” M6

“Na verdade eu nunca tive a decisão de ter filhos. Por que ter? Para cuidar de mim quando for velha? Por que colocar uma criança no mundo, num país com tanta violência? Será que não é um ato egoísta de quem tem? Por ter a vontade e não pensar no futuro da criança? Além disso, tenho amigas que mudam o comportamento assim que tem filhos. Suas prioridades ficam em segundo plano. Deixam de viajar, orçamento familiar muda completamente e assumem a responsabilidade da criação muito mais que o homem. Admiro quem quer ter filhos. Pois muda totalmente suas prioridades e rotinas. No entanto não quero isso pra mim. Adoro minha vida, a minha liberdade, tenho amor da minha família (pai, mãe, irmã, tios, primos...) e meus amigos de longa data. Estou muito feliz assim.” M12

Durante vários séculos a imagem da mulher estava ligada com a maternidade, estabelecendo uma relação natural da mulher como mãe. Tal configuração impossibilitava que as mulheres vislumbrassem outras possibilidades, e quando a gestação tardava estas eram vistas como vítimas de um destino muito cruel. As possibilidades de escolha de não ser mãe são relativamente recentes, e está intimamente ligada a liberdade da mulher em selecionar de forma mais criteriosa seus relacionamentos afetivos, e quais investimentos querem fazer na sua vida viajar, estudar, ter liberdade etc, ou seja, na atualidade as mulheres em sua maioria querem ter possibilidades de viver o mais livre possível, mesmo que isso tenha como consequência a não maternidade (BARBOSA, et al., 2012).

Os dados encontrados pelos autores acima corroboram com os dados desse estudo, ou seja, em suas entrevistas assim como nas citadas acima a mudança da visão das mulheres em relação a não ter filhos devido a situações de suas vidas, estão atrelados a novos valores tais como investimento na carreira profissional, trabalho em horário livre, excesso de tempo necessário para cuidar dos filhos, e questionamentos relacionados a motivações para ter um filho, que incluem ter um filho para que?

5.2 Eventos determinantes para a decisão de não ser mãe

Além dos aspectos biológicos existe uma serie de fatores para a tomada de decisão de ter ou não filhos, sendo que a mulher pode escolher não ser mãe apesar de sua anatomia oferecer plenas condições para isso. A seguir são apresentados alguns discursos relativos aos fatores que foram determinantes para que as mulheres que fizeram parte da amostra deste estudo decidissem não ter filhos.

“Minha irmã e uma amiga muito próxima engravidaram e eu pude acompanhar alteração de hormônios, mudanças de rotina, privações, o quanto se precisa abrir mão da liberdade. Acredito que deve ser lindo, deve compensar, mas eu não tenho essa vontade. E também quando comprei a ametista (minha cadelinha), ela me possibilita ser mãe dela, cuidado, afetividade. E também meus sobrinhos suprem a necessidade de carinho e cuidado, me sinto um pouco mãe deles. Eu não tive uma adolescência tranquila, e uma criança iria me tirar à tranquilidade emocional. Será que eu seria uma boa mãe? Os anos que eu poderia viver tranquila, viajar, eu me privaria para cuidar de uma criança.” M1

“Não. O que determinou foi continuar com a vida conforme vivia, sem precisar mudar minha rotina.” M2

“Não teve nada marcante. A própria vivência diária de ver filhos dando tanto trabalho para os pais. A hipótese de perder a liberdade e a mudança radical na rotina.” M10

“Pra muitos vai parecer egoísmo, mas vi nossos amigos querendo sair, fazer coisas diferentes e com crianças tudo ficava mais difícil, também não nos sentimos a vontade com a possibilidade de ter filhos, gostamos muito de viajar. Um fator foi somando o outro e a decisão foi tomada.” M8

“Um momento único não. São vários fatores, entre eles acompanhei de perto minha irmã ter dois filhos e nunca achei bom. Só vejo coisas ruins, mulheres reclamando e sendo infelizes.” M16

Nestas manifestações a vivencia da maternidade de pessoas próximas foi um dos fatores que influenciaram na tomada de decisão, sendo que as falas apontam a privação da liberdade como determinante. De acordo com Smeha e Calvano (2009), algumas mulheres acreditam que gerar um filho envolve excesso de responsabilidades educacionais e sociais que interferem na disponibilidade de tempo livre para realização de outras atividades que podem lhe dar mais prazer.

O livro *Sem filhos a mulher singular no plural* lançado em 2003, apesar dos anos decorridos, ainda é porta voz das discussões relacionadas aos fatores que levam as

mulheres a não ter filhos, a autora Manssur (2003) pontua uma série de aspectos também encontrados nas falas das entrevistadas, sendo que a liberdade é uma justificativa recorrente e determinante para esta decisão.

A seguir as manifestações se referem a questões relacionadas ao excesso de responsabilidade e as condições necessárias como fatores que interferem na tomada de decisão.

“Na verdade não, apenas acredito que precisa ter muita responsabilidade que eu não estou disposta a ter e a assumir. E medo de não conseguir suprir as necessidades e dar educação, ensinar o que é certo.” M6

“Não aconteceu nada que me marcou, mas acredito que para ter filhos é preciso dedicação, condições financeiras, estabilidade, planejamento. Estar preparado financeiramente e emocionalmente.” M9

Gerar um filho esta muito além de apenas colocar um filho no mundo, com ele vem às obrigações, as despesas, o comprometimento da independência e liberdade. Para muitas mulheres é difícil se manter no emprego, administrar a casa, sua vida pessoal, e os cuidados que uma criança necessita, então acabam optando por se manter no seu cotidiano planejado e estruturado, sem espaço para filhos (SILVA, et al., 2011). Na atualidade há uma necessidade das mulheres se manterem inseridas no mundo do trabalho, sendo este um fator bastante recorrente, na maioria das manifestações das entrevistadas que justificam a decisão de não querer viver a maternidade.

A decisão de ter filhos na maioria das situações tem a influencia do núcleo familiar, sendo que esta decisão comumente é discutida por este núcleo. Nesta direção à mudança dos fenômenos relacionados à constituição familiar, de algum modo interfere nesse processo de decisão. Mesmo as referencias familiares estando em crise, ainda é possível observar que a opinião da família é determinante para algumas mulheres, como é possível verificar nos dois depoimentos a seguir:

“A priorização pelas conquistas, casa, carro, trabalho. Mas o que me fez assumir minha decisão foi quando a tia do meu marido disse que a decisão e a vida eram minha e que ninguém ia me julgar por isso.” M3

“Desde cedo a minha família deixava claro que se eu engravidasse não teria um futuro, não teria condições de estudar, de realizar meus sonhos. Levei a sério os ensinamentos.” M14

Os excertos assinalam que alguns valores oriundos do núcleo familiar interferem diretamente na postura das mulheres diante de sua decisão de não se tornarem mães. É

possível dizer que estamos vivenciando a reconstrução de novos padrões sociais, onde as mulheres e suas famílias já não veem a maternidade como um dos pilares da identidade feminina, e um dos componentes deste cenário podem ser as novas configurações familiares, onde a família pode ser constituída a partir de diferentes arranjos e não mais com um único modelo de mãe e filho (BARBOSA, et al., 2012).

Outro aspecto trazido pelas informantes se refere a questões de cunho biológico, como é possível observar a hereditariedade é um fator que para esta entrevistada interferiu na sua decisão. Assim como a idade avançada também foi citada como motivo que interferiu.

“Nada marcante, a única coisa que fiquei mais receosa foi a questão de gêmeos e trigêmeos de ambos os lados. Eu fui gêmea e meu marido trigêmeos, então a probabilidade de gerar gêmeos é grande e aí fiquei mais insegura ainda.” M4

“Eu adorava crianças, mas não tinha certeza se eu seria uma boa mãe, foi quando conheci meu companheiro atual. Desde o início ele falou que não queria mais filhos. Também vi que na minha idade já não era tão simples engravidar, corria alguns riscos. Fiquei muito tempo sozinha, pois sonhava sim em ter filhos, mas com um pai presente, então fiquei insegura e protelei essa decisão.” M5

É possível observar que os aspectos biológicos são históricos e contribuem para definição de um ideal feminino de mulher mãe, e interferem na forma como as mulheres conduzem suas vidas, principalmente quando se trata da reprodução. Entrelaçam-se nessa discussão determinismos sociais e determinismos biológicos. E os discursos da genética (por exemplo, a possibilidade de ter uma gestação de gêmeos) e a idade ideal de ter filhos (na minha idade já não era tão simples engravidar) fazem parte de um conjunto de discursos que definem e instituem saberes que embasam as mulheres em relação a decisões tomadas (MACHADO e PENA, 2016).

De acordo com Machado e Pena (2016), ainda há uma supervalorização da reprodução humana, como um privilegio das capacidades biológicas. Devido à mulher possuir útero ela acaba tendo a maternidade como um fator intrínseco da vida, tanto que o corpo grávido ganha espaço e reafirma a identidade feminina relacionada à realização da mulher como mãe. Sendo que a mulher sem filhos opõe-se a valorização da reprodução que identifica a mulher. Diante disto quando uma mulher nega esta função a partir da decisão de não ter filhos normalmente ela é questionada se a decisão decorreu de fatores biológicos.

Em relação a este aspecto cabe salientar que as 16 entrevistadas afirmaram que a decisão da não maternidade foi tomada voluntariamente e que não teve influencia de fatores biológicos. Porém duas delas justificaram a decisão devido à idade avançada e ao risco de ter uma gestação gemelar.

5.3 “Se eu engravidasse?”

Com o intuito de problematizar a decisão dos sujeitos da pesquisa, num dado momento da produção dos dados, o grupo de mulheres foi questionado sobre o que fariam caso engravidassem. Neste eixo foi possível perceber que o grupo pontua dois aspectos distintos em relação a esta possibilidade o primeiro deles se refere a afetividade, pois as falas denotam que caso ocorresse uma gestação, o filho seria amado. O segundo aspecto ilustra sentimentos de medo, contradição, incerteza e dúvida.

“Pela questão de espiritualidade, por acreditar que a vida se encaminha conforme o nosso merecimento, eu levaria um susto. Teria que modificar e readaptar todo meu projeto de vida, mas teria com certeza, teria muito amor, iria buscar um grupo de apoio, buscar leituras para ser uma boa mãe.” M1

“Mesmo não planejando aceitaria. Iria cuidar e amar com certeza.” M2

“Se eu engravidasse seria bem vindo e muito amado”. M4

“Me preocuparia em relação a minha idade e saúde, mas aceitaria e iria amar.”

M5

“Aceitaria numa boa, e levaria adiante. Mas acho que não aconteceria, pois me cuidou muito para não acontecer.” M7

Os discursos citados expressam que a vida esta constituída por emoções, sentimentos e afetos, onde a subjetividade se ancora para a tomada de decisões. Sendo que para este grupo apesar da escolha de não serem mães, caso isto viesse a acontecer, elas iriam resignificar suas vidas, sendo que o amor é uma ferramenta descrita pela maioria delas.

Viella (2015), destaca que a decisão por não ter filhos apesar de estar consolidada na vida de algumas mulheres, não impede de que se por ventura acontecer uma gestação estas se reestruturem e resignifiquem esse papel. A maternidade é um papel que também se aprende apesar de na atualidade ser uma escolha e não uma obrigação. Além de o tema maternidade mobilizar emocionalmente a maioria das mulheres.

Algumas entrevistadas apresentaram resistência e demonstraram certo incomodo ao pensarem na possibilidade de ser mães, expressando sentimentos ambíguos como é possível observar:

“Aiii.. Muito medo. Eu não tiraria. Não sei qual seria a minha reação. Eu seria obrigada a aceitar. Acho que entraria em depressão. Talvez a ideia fosse mudando com o tempo. Iria aceitar.” M3

“Bom... Não sei... Claro que se contrária a nossa decisão a natureza nos colocasse na situação, assumiria com certeza, mas nunca na vida me imaginei grávida, fico um tanto aflita com aquele barrigão.” M8

“Não sei. Levaria um susto grande, pois não esta nos meus planos, mas não interromperia de forma alguma, mesmo não estando nos planos.” M9

“Olha, seria muito difícil no começo, mas levaria adiante com certeza. Aborto jamais.” M10

“Teria que aceitar e mudar meus planos, mas na verdade só engravida quem quer.” M14

“Seria um choque, pois minha vida é estruturada e não tem lugar para uma criança. Mas assumiria a gestação.” M15

No que se refere a não maternidade quando estas mulheres se deparam com a ideia de contrariedade da sua decisão emergem conflitos e ambivalências de diferentes níveis, que apontam para a complexidade desta temática devido o reforço do discurso social e da condição biológica feminina estar sempre associada entre ser mulher e ser mãe. Indicando que sentimentos negativos relacionados a maternidade não são bem vistos. E que as construções de novas identidades femininas, onde ser mãe é uma alternativa e não uma imposição deve ser problematizada evitando adoecimento e sofrimento das mulheres que adotam esta postura (BARBOSA e ROCHA-COUTINHO, 2012).

5.4 Preconceito – Percepções e Sentimentos

Neste eixo a análise se refere à percepção das mulheres em relação ao preconceito vivenciado devido a decisão da não maternidade. As entrevistadas citam que percebem a avaliação negativa feita por aqueles que enxergam esta escolha como algo incomum. As falas evidenciam cobranças, ausência do amor verdadeiro, suspeita de infertilidade.

“Sim. As pessoas não entendem porque da minha decisão. Questionam quem vai me cuidar na velhice e acredita, comentam que eu tenho algum problema de saúde.” M2

“Sim. Já me criticaram dizendo que eu só queria cuidar do corpo. E ficam perguntando quando vou ter filhos.... dizem que esta na hora.... que está passando do tempo. Essas coisas.” M3

“Sim, pois infelizmente vivemos em uma sociedade que acredita e impõe que toda mulher tenha filhos.” M6

“Vários momentos. Chegaram a questionar quem tinha problema no meu casamento, se era eu ou o meu marido. Como se a gente não pudesse apenas escolher não ter.” M8

“De certa forma sim. Os comentários das pessoas quando ouvem nossa opinião incomoda. Como se só fosse possível ser feliz com filhos. Eu me sinto muito feliz e realizada vivendo da maneira que escolhi, sem filhos.” M10

“Sim, apesar de estarmos em 2018, muitas pessoas acham que a felicidade feminina esta ligada com a maternidade.” M15

É possível observar que o preconceito é decorrente de um estereótipo, onde as mulheres tinham sua figura relacionada à função materna. A pressão social sempre foi grande e a cobrança de ter filhos compõe o menu de exigências direcionadas a mulher que se da quando esta é questionada sobre ter um parceiro, casar e ter filhos. No que se refere à falta de alguém que de suporte para velhice, há uma convenção de que pessoas sem filhos podem ficar desamparadas, porem ter filhos não é uma garantia de que a idosa será cuidada por estes, sendo esta uma norma social que também não é mais prevalente (VIELLA, 2015).

Quando uma mulher justifica porque teve filhos, o amor verdadeiro é citado como uns dos principais motivos, deste modo às mulheres que optarem pela não maternidade serão questionadas sobre o desconhecimento deste amor. A ideia de amor materno como algo inerente a mulher é uma ideia questionável, pois o amor verdadeiro pode estar presente na relação com outras pessoas e não somente no amor entre mãe e filho. Tal postura é fruto de uma supervalorização do amor materno, e do status positivo dessa relação, decorrente da dedicação do cuidado da mãe com sua prole (VIELLA, 2015).

Algumas das mulheres relatam que percebem o preconceito de uma forma mais sutil, se manifestando como uma espécie de cobrança, que interfere inclusive na vida profissional, como é possível observar nas falas descritas.

“Talvez diretamente não. Mas quando comento com familiares, amigos, ainda acham que um dia eu vou mudar de ideia. E também uma cliente me procurou para fazer colching e não seguiu por eu não ter marido e filhos.” M1

“Preconceito não, mas muita pressão, intencional ou não. As pessoas acabam repetindo comportamentos sem nem mesmo pensar a respeito. Cobram da mulher que ela tenha filhos sem levar em consideração a vontade, o desejo e as condições.” M7

A opção de não viver a maternidade, como é possível verificar nas falas citadas, expõe as mulheres algum tipo de preconceito. Este é um comportamento que tem origem histórica no século XVII e XVIII onde a maternidade era a principal função da mulher. As transformações no papel femininas ocorridas a partir do século XIX com conquistas relacionadas à participação política, ao controle da natalidade com o surgimento da pílula anticoncepcional, viabilizaram alguns avanços relacionado às possibilidades da mulher escolher ser ou não ser mãe (VIELLA, 2015).

O livro “o segundo sexo” (1967) de Simone de Beauvoir, apresenta uma crítica a convenção de que a mulher tem vocação para ser mãe, rompendo com a visão romântica do papel materno. Tais debates de algum modo apresentam um percurso relacionado as escolhas femininas que vigoram na contemporaneidade, visto que quando uma mulher se posiciona afirmando que não deseja ter filhos gera uma serie de debates, como é possível observar nos discursos das entrevistadas.

Diante das manifestações dos sujeitos que participaram do estudo em relação à percepção destas sobre as formas de preconceitos vivenciados devido a sua escolha, surgiu o interesse em saber de quem ele parte. Sendo possível evidenciar a partir dos depoimentos que a família e os profissionais de saúde são os mais citados.

“Mãe, amigos próximos e cliente coaching.” M1

“Família, namorado e amigos (conhecidos).” M2

“Família e amigos.” M3

“Da família, e principalmente amigos.” M5

“Alguns membros da família e a grande maioria dos amigos.” M6

“De todas pessoas próximas (família, amigos), alguns apoiam dizendo que é a melhor escolha mas a maioria relata que devo ter filhos, que é a melhor coisa na vida. Mas a cerca desse assunto ainda existe muito preconceito, assim como as mães que decidem ter filhos sozinhas. Cada um sabe de si, se tem ou não estrutura. É muito cultural essa coisa de que casou tem que ter filhos. As pessoas vivem nessa crença como se não tivessem outras realizações e conquistas na vida.” M9

As falas citadas explicitam as experiências das mulheres que desejam não ter filhos, esta opção frequentemente é mal entendida devido a um padrão idealizado de maternidade que se origina principalmente no âmbito familiar. A família pela proximidade afetiva se sente autorizada a questionar tal decisão, pois há uma convenção familiar de que a mulher em determinada idade deve ser mãe. Ao quebrar essa convenção a família percebe que houve uma ruptura do padrão e deste modo acaba gerando situações preconceituosas (RIOS, 2007). Além da família, foi possível perceber que o preconceito também emerge de alguns profissionais, aspecto que pode ser observado nas manifestações dos sujeitos que foram entrevistados.

“Família, amigos e a minha médica na última consulta ginecológica disse que eu tinha que pensar bem, que estava na hora, que ia acabar ficando tarde demais.” M4

“Pessoas que fazem parte do nosso cotidiano, amigos, conhecidos. Um mastologista tentou me provar que se “a natureza quisesse” eu engravidaria mesmo sem vontade.” M8

“Amigos, colegas profissionais da saúde de um país bastante conservador e cultura forte, em relação a toda mulher construir família e ter filhos.” M11

“Por familiares, amigos, colegas de trabalho e até mesmo por profissionais da saúde.” M15

No que se refere à decisão de não ter filhos, houve uma mudança perceptível, antes era uma decisão velada, atualmente se tornou um movimento denominado na França como “childfree” que significa escolha e não falta. Sendo que tal movimento suscitou a necessidade de incluir na formação profissional um manejo para atender esta população de mulheres que não querem ser mães. A formação universitária das profissões da área da saúde dá ênfase aos ciclos biológicos da reprodução, onde o período reprodutivo feminino é contemplado com uma série de conteúdos programáticos, gerando nos profissionais um ímpeto prescritivo da maternidade. Talvez seja esta a justificativa para que a postura de alguns profissionais envolva questionamentos as mulheres sobre esta decisão. Nas falas acima é possível perceber que as entrevistadas quando vivenciam situações de preconceito citam os profissionais da saúde (GOTMAN, 2017).

Por outro lado, entre as mulheres entrevistadas, houve aquelas que relatam não ter sofrido nenhum tipo de preconceito.

“Toda sociedade acaba de uma forma ou outra achando que tem o direito de opinar na vida das mulheres. Nossa geração está lutando para mudar esse cenário,

espero que possamos tomar nossas decisões sem precisar enfrentar o julgamento das pessoas.” M7

“Em nenhum momento sofri preconceito com a família e profissionais da saúde. Meus parentes nunca me questionaram sobre a minha decisão e sempre respeitaram. Profissionais da saúde me questionaram, mas não fizeram nenhum comentário ao ouvir minha resposta. Porém amigos e conhecidos sim. É muito chato quando elas (pois é sempre mulher) começam com o discurso sobre o que é ter uma família e sobre o que eu estou perdendo. Já escutei “quando tu fores mãe tu vai entender”... “amor de mãe é único...” Tem algumas amigas que se sentem ofendidas quando digo que não quero isto pra mim. Não me faz falta e não tenho necessidade de me sentir completa ao ter uma família, pois me sinto completa assim. Família não é mulher, homem e filho. Este é um conceito antigo e ultrapassado. É a mesma visão antiga de que a mulher é quem cuida da casa... o mundo mudou. A mulher hoje pode escolher sobre o seu futuro e ir além, com ou sem filhos.” M12

Tais manifestações indicam que mesmo de forma tímida há uma aceitação por parte de uma parcela da sociedade em relação à decisão das mulheres não terem filhos. Os papéis femininos ao longo da história foram sendo reconstruídos. No passado não era permitido que as mulheres trabalhassem fora do âmbito doméstico e na atualidade observamos a presença da mulher em todos os espaços. Indicando assim que no que se refere à maternidade, também poderemos estar acompanhando este processo de mudança, onde não ter filhos, não será uma decisão questionada.

De acordo com Penna e Machado (2016), a uma série de aspectos históricos que contribuíram para construção de um ideal feminino, onde se confunde o determinismo social com o determinismo biológico e assim, a maternidade foi socialmente construída, como um símbolo definidor da identidade feminina. Desta forma, esta condição legitima-se no âmbito social, econômico e político.

Na opinião das entrevistadas sobre outras mulheres que também corroboram da mesma decisão, ficam evidentes manifestações de apoio e compreensão em relação a este posicionamento.

“Tem aquela crença social como se a família para ser completa e feliz necessita de filhos. Mas hoje entendo que família pode ser mulher com mulher, homem com homem, pode se ter bebe, cachorro, gato. E por outro lado vê que a pessoa precisa estar muito bem preparada para enfrentar esse preconceito.” M1

“As pessoas acham que as mulheres têm a função de procriar e vejo que nos dias atuais os casais estão mudando, tem muitas mulheres que optam por não ter filhos. É uma decisão da mulher e do casal, não deve ser visto como regra nenhuma escolha.” M4

“As mulheres que decidem não ter filhos e não cedem diante da pressão que a sociedade ainda faz nesse sentido, representam coragem e respeito por elas mesmas.” M7

“Talvez por ter sido tão questionada há 30 anos atrás, eu acredito no poder de decidir a vida da forma que a gente se sente melhor, no livre arbítrio, jamais questioneie alguma amiga que me disse não querer ter filhos, porque é muito chato e constrangedor tu ter tua decisão formada e as pessoas questionarem a cada palavra, como se tu não tivesse o direito de escolha.” M8

A partir destas manifestações, é possível dizer que o modo como cada mulher vive, interfere nas representações que ela tem em relação a outras mulheres que compactuam das mesmas opiniões. As decisões geram uma espécie de empatia, que vão dando espaço a novas concepções e novos discursos em relação a não maternidade que pode ser entendida como uma negação da condição reprodutora ou como a aquisição de maior liberdade de decisão (MACHADO e PENA, 2016). Aspecto este que também fica evidente nas falas a seguir.

“...Nos dias de hoje as mulheres procuram se realizar profissionalmente e pessoalmente, não é necessário formar uma família com filhos.” M2

“Acho que a mulher pode se realizar na vida sem ter filhos, existem outras realidades tão quão prazerosas e importantes.” M5

“As mulheres que assumem não ter filhos são decididas e tem um planejamento sobre o que querem da vida. A maioria tem idealizações e se dedicam muito para a qualidade de vida pessoal e profissional.” M12

Os discursos apresentados acima reintegram que os debates sobre mulheres que optaram pela não maternidade, se configuram dentro de um processo de transformação no campo do gênero e do sexo, e mobilizam uma serie de opiniões na medida em que se desviam de uma norma secular relacionada ao papel feminino. Instaurando com esta postura, possibilidades de mudanças que se referem à transformação de um comportamento prescrito como normal. Dando espaço para outras possibilidades de ser mulher que não esta ligada a procriação (VIELLA, 2015). Tal como pode ser observado nos discursos a seguir.

“É normal. Eu sou normal. Hoje é normal casais sem filhos. Cada um vive da maneira que se sente bem e feliz.” M3

“Nenhuma especial, apenas acredito que é uma escolha que deve ser tão respeitada quanto quem decide ter filhos.” M6

“É que julgamos demais os outros por nós mesmos. Cada um sabe de si, se conhece e busca o que é melhor. A mulher é dona de si e de suas decisões. Não julgo ninguém e gostaria de não ser julgada também.” M9

“Acho que hoje em dia é uma decisão muito acertada. As mulheres que conversei tem a mesma opinião. O pior é ouvir a sociedade inteira, a família discordando da nossa decisão.” M10

Os depoimentos indicam que este grupo percebe outras possibilidades para a mulher, que não se limita ao papel que lhe foi atribuído, e deste modo produzem novos sentidos que não estão ligados à maternidade. Ou seja, não é a reprodução que constitui a identidade feminina, ela é construída nas relações da mulher e nas suas escolhas (VIELLA, 2015).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a construção do projeto de pesquisa, li vários trabalhos de conclusão de curso, e minha impressão era de que nas considerações finais o autor economizava na sua escrita. Ao iniciar esta sessão entendo este processo. Pois no término do trabalho já li tanto sobre o assunto, que parece que tudo que era necessário ser dito já está na análise dos dados. Então compreendo o que nas diversas orientações ouvia em relação a estranhar as verdades relacionadas ao tema pesquisado para assim problematiza-las. Este é um exercício complexo e difícil, onde afinal tenho que avaliar o que a pesquisa produziu em mim e para enfermagem.

O caminho que escolhi para este percurso foi o de retomar aos objetivos que propus lá no início que foram problematizar com mulheres sobre a escolha de não ter filhos, conhecer os fatores determinantes para essa decisão e identificar as percepções destas mulheres em relação a não maternidade.

No que se referem à problematização da escolha da não maternidade os dados indicam uma serie de aspectos, que devem ser considerados quando pensamos em relação à assistência a saúde desta clientela. O que merece destaque se refere à importância de evitar manifestações, comportamentos que possam ser interpretados como preconceito. Outro ponto que suscita reflexões se refere à observação de que cada vez mais a mulher esta se empoderando em relação ao seu papel na sociedade, que com certeza não é estritamente relacionado à maternidade.

Os fatores determinantes para a tomada de decisão em relação a não ter filhos foram evidenciados na maioria das falas como uma escolha relacionada aos investimentos profissionais e manutenção da liberdade.

As percepções das mulheres em relação a sua escolha são amplamente fundamentadas como uma conquista relacionada à liberdade de decidir sobre suas vidas, independente dos hegemônicos padrões sociais.

As mudanças dos valores vividos pela mulher têm como consequência perspectivas acerca das funções femininas, realizada no âmbito familiar e social. A maternidade assume novos conceitos na atualidade, onde ter ou não filho depende do desejo de cada mulher.

A maternidade não é mais o único acesso a felicidade, razões para ter filhos sempre foram múltiplas, nos discursos foi possível ouvir “amor incondicional”, “alguém para cuidar na velhice”, “a necessidade da reprodução”, mas com as mudanças na contemporaneidade passou a existir vários motivos para não tê-los, entre eles estão “a

liberdade”, “a individualidade”, “a independência”, “a autonomia” e “o crescimento profissional”.

Concluí com este trabalho que a maioria das mulheres entrevistadas não quer ter filhos porque priorizam o trabalho, e não se propõem perder a liberdade. Algumas acreditam que estão com a idade avançada para tal decisão e outras não tem companheiro fixo. A decisão foi marcada pelo medo da responsabilidade e do compromisso, por experiências com pessoas próximas que acabaram abrindo mão da sua liberdade para suprir as necessidades de uma criança. Nenhuma das entrevistadas manifestou algum problema fisiológico, todas relataram que tomaram a decisão de não ter filhos voluntariamente. A maioria expos que caso engravidassem, cuidariam com carinho e amor, e poucas rejeitaram a hipótese de acontecer. Nos dias de hoje é muito comum famílias sem filhos, mulheres que assumem essa decisão, mas na maioria das vezes ainda sofrem com o preconceito da sociedade, de pessoas próximas, da própria família e muitas vezes até de profissionais da saúde, aspectos que foram evidenciados nos dados deste estudo.

É importante a compreensão por parte dos profissionais de saúde para que não se fortaleça o preconceito, deste modo o estudo indica a necessidade de se aprofundar este assunto com o intuito de aceitar as novas formas de configuração familiar contemporânea. A enfermagem deve ampliar cada vez mais seus conhecimentos para além do ciclo biológico da reprodução, que geram nos profissionais uma regra da maternidade, criando cobranças e questionamentos e podem interferir para a adoção de posturas preconceituosas. Os dados auxiliam na reflexão de que o enfermeiro é um profissional que cuida independente das escolhas de cada mulher.

REFERENCIAS

BADINTER, Elisabeth. Um Amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, P. Z.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. *Psicologia & Sociedade*, v. 24, n. 3, p. 577-587, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n3/11.pdf>>. Acesso em: 27 de outubro de 2017.

BARROS, L. F. W.; ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. Novos Arranjos Domiciliares: condições socioeconômicas dos casais de dupla renda e sem filhos (DINC). XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu-MG, 2008. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/abeporgb/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1791/1750>>. Acesso em: 15 de outubro de 2017.

BRASIL. Secretaria de Vigilância em Saúde. Saúde Brasil 2013: uma análise da situação de saúde e das doenças transmissíveis relacionadas à pobreza. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: <https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/490662/mod_resource/content/1/MINISTERIO%20DA%20SAUDE%20Saude%20Brasil%202013.pdf>. Acesso em: 19 de agosto de 2017.

CHAVES, S. S. Significados de maternidade para mulheres que não querem ter filhos. Tese (Programa de Pós-Graduação em Psicologia). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia, Salvador, 2011. Disponível em: <https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/sara_chaves.pdf>. Acesso em: 19 de agosto de 2017.

FARIAS, M. B. L.; BARROS, I. P. M. O lugar da maternidade no discurso da mulher contemporânea. VII Jornada de Iniciação Científica – 2011. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pesquisa/pibic/publicacoes/2011/pdf/psi/maria_betania.pdf>. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

FIDELIS, D. Q.; MOSMANN, C. P. A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos. *Aletheia*, v. 42, p.122-135, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n42/n42a11.pdf>>. Acesso em: 05 de abril de 2018.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª. Edição – São Paulo: Atlas, 2009.

GOTMAN, A. Sem filhos. O ponto de vista das mulheres. França. Editora Ined, 2017.

GRAVENA, A. A. F.; SASS, A.; MARCON, S. S.; PELLOSO, S. M. Resultados perinatais em gestações tardias. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 46, n. 1, p. 15-21, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S008062342012000100002&pid=S0080-62342012000100002&pdf_path=reensp/v46n1/v46n1a02.pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=taxadefecundidadenobrasil&searchphrase=all>>. Acesso em: 03 de outubro de 2017.

MACHADO, J. S. A.; PENNA C. M. M. Reprodução feminina e saúde sob os olhares de mulheres sem filhos. *Revista Mineira de Enfermagem*, n. 20, 2016. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=29851&indexSearch=ID>>. Acesso em: 25 de abril de 2018.

MAIER, Corinne. *Sem filhos: 40 razões para você não ter*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

MANSSUR, L. H. B. *Sem filhos: a mulher singular no plural*. São Paulo. Casa do psicólogo, 2003.

MEDEIROS, R. D.; AZEVEDO, G. D.; MARANHÃO, T. M. O.; et al. Impacto da inserção da temática saúde sexual. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, v. 3, n. 36, p. 107-112, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbgo/v36n3/0100-7203-rbgo-36-03-00107.pdf>>. Acesso em: 29 de agosto de 2017.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. Ed. – São Paulo: Hucitec, 2014.

MIRANDA, G. M. D.; MENDES, A. C. G.; SILVA, A. L. A. Desafios das políticas públicas no cenário de transição demográfica e mudanças sociais no Brasil. *Interface*, v. 21, n. 61, p. 309-20, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v21n61/1807-5762-icse-1807-576220160136.pdf>>. Acesso em: 02 de setembro de 2017.

MIRANDA-RIBEIRO, A.; RIOS-NETO, E. L. G.; CARVALHO, J. A. M. Efeitos tempo, parturição e quantum no Brasil: indicadores de período e evidências empíricas. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 30, n. 1, p. 145-170, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v30n1/v30n1a08.pdf>>. Acesso em: 21 de agosto de 2017.

MIRANDA-RIBEIRO, P.; POTTER, J. E. Sobre “se perder”, “vacilar” e não encontrar o “homem certo”: mudanças ideacionais, instituições e a fecundidade abaixo do nível de reposição. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 27, n. 1, p. 227-231, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982010000100013>. Acesso em: 03 de setembro de 2017.

MORAES, L. E. O. *Laqueadura tubária e vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis: histórias de vida de mulheres*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Enfermagem). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO 2012. Disponível em: <<http://www2.unirio.br/unirio/ccbs/ppgenf/arquivos/dissertacoes>>

arquivo/dissertacoes-2011/lilia-elaine-de-oliveira-moraes>. Acesso em: 03 de outubro de 2017.

PATIAS, N. D.; BUAES, C. S. “Tem que ser uma escolha da mulher”! Representações de maternidade em mulheres não mães por opção. *Psicologia & Sociedade*, v. 24, n. 2, p. 300-306, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200007>. Acesso em: 10 de abril de 2018.

PORTAL BRASIL. Taxa de fecundidade caiu 18,6% em 10 anos no País. Governo do Brasil, Cidadania e Justiça. 04 de dezembro de 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/12/taxa-de-fecundidade-caiu-18-6-em-10-anos-no-pais>>. Acesso em: 22 de agosto de 2017.

RIOS-LIMA, M. G. Um estudo sobre o adiantamento da maternidade em mulheres contemporâneas. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-22082012.../rios_corrigida.pdf>. Acesso em: 06 de outubro de 2017.

SILVA, F. B. Mulheres que optaram por não ter filhos. Projeto de Pesquisa (Curso de Especialização EAD: Gênero e diversidade na escola). Universidade de Santa Catarina - Florianópolis, SC, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/173769/MULHERES%20QUE%20OPTARAM%20POR%20N%C3%83O%20TER%20FILHOS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 30 de setembro de 2017.

SILVA, R. M.; ARAÚJO, K. N. C.; BASTOS, L. A. C.; MOURA, E. R. F. Planejamento familiar: significado para mulheres em idade reprodutiva. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 5, p. 2415-2424, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n5/a10v16n5.pdf>>. Acesso em: 12 de abril de 2018.

SILVEIRA, R. S.; MARTINS, C. R.; LUNARD V. L.; FILHO, W. D. L. Etnoenfermagem como metodologia de pesquisa para congruência do cuidado. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 62, n. 3, p. 442-446, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000300017>. Acesso em: 19 de agosto de 2017.

SMEHA, L. N.; CALVANO, L. O QUE COMPLETA UMA MULHER? Um estudo sobre a relação entre não-maternidade e vida profissional. *Psicologia Argumento*, v. 27, n. 58, p. 207-217, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19849>>. Acesso em: 12 de abril de 2018.

SPINK, M. J. Linguagem e produção de sentidos no cotidiano. Biblioteca Virtual de Ciências Humanas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

TATAGIBA, A. P. Projetos profissionais e/ou maternidade. Críticas a um dilema/sofrimento feminino (ainda) contemporâneo. *Cadernos Pagu*, n. 37, 2011.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000200020>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

VASCONCELOS, A. M. N.; GOMES, M. M. F. Transição demográfica: a experiência brasileira. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v.4, n.21, p. 539-548, 2012. Disponível em: <http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742012000400003>. Acesso em: 19 de agosto de 2017.

VIELLA, I. L. Para além da maternidade: um estudo sobre mulheres que optaram por não ter filhos. Santa Catarina, 2015. Disponível em: <<https://riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/3072/PARA%20AL%c3%89M%20DA%20MATERNIDADE%20UM%20ESTUDO%20SOBRE%20MULHERES%20QUE%20OPTARAM%20POR%20N%c3%83O%20TER%20FILHOS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acessado em: 25 de abril de 2018.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL – UNISC DEPARTAMENTO DE
ENFERMAGEM E ODONTOLOGIA – DEO
TODA MULHER QUER TER FILHOS? REFLEXÕES A CERCA DA NÃO
MATERNIDADE**

O projeto de pesquisa tem como objetivo geral problematizar com mulheres sobre a escolha de não ter filhos.

Como instrumento para coleta de dados será utilizado a entrevista semiestruturada contendo questões abertas e fechadas elaboradas pela pesquisadora referentes aos objetivos do presente estudo.

Este estudo não oferece riscos. Caso você se sinta prejudicado, poderá manifestar seu desconforto e retirar-se da pesquisa a qualquer momento.

A presente pesquisa será realizada pela pesquisadora Daiane Goettems, através da coleta de dados por meio de um formulário de questões referentes ao objetivo da pesquisa. Será utilizado, caso os sujeitos autorizem, o gravador como forma de registro dos dados. A pesquisa será orientada pela professora e enfermeira Vera Elenei da Costa Somavilla.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informada, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Ademais, declaro que, quando for o caso, autorizo a utilização de minha imagem e voz de forma gratuita pelo pesquisador, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa, desde que eu não possa ser identificado através desses instrumentos (imagem e voz).

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
- da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
- da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
- de que se existirem gastos adicionais, estes, serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é a Prof^a Vera Elenei da Costa Somavilla e a Acadêmica de Enfermagem Daiane Goettems. (Fone 51-99893-0324).

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: 051 3717 7680.

Data __ / __ / ____

Nome e Assinatura do Voluntário

Nome e assinatura do responsável
pela obtenção do presente consentimento

APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

CURSO DE ENFERMAGEM

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ACADÊMICA: Daiane Goettems

ORIENTADORA: Profa Enfa Dra Vera Elenei da Costa Somavilla.

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA DE PESQUISA
QUALITATIVA

Dados de Identificação

Codinome: _____

Idade: _____

- 1- Como foi a decisão de não ter filhos?
- 2- Teve algum evento marcante\ determinante na sua vida para que essa decisão fosse tomada?
- 3- A decisão foi voluntária ou fator fisiológico?
- 4- O que você faria se engravidasse?
- 5- Qual sua percepção sobre as mulheres que não querem ter filhos?
- 6- Em algum momento você sofreu algum tipo de preconceito devido esta decisão?
- 7- Se sim, de quem: família, amigos ou profissionais da saúde?

ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TODA MULHER QUER TER FILHOS? REFLEXÕES A CERCA DA NÃO

Pesquisador: Vera Elenei da Costa Somavilla

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 80448517.5.0000.5343

Instituição Proponente: Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.417.740

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa intitulado TODA MULHER QUER TER FILHOS? REFLEXÕES A CERCA DA NÃO MATERNIDADE apresentado ao Curso de Graduação em Enfermagem, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, pela aluna Daiane Goettems, sob orientação da profa. Dra. Vera Elenei da Costa Somavilla. O projeto busca investigar sobre aspectos que interferem na decisão destas mulheres não terem filhos, vislumbrando problematizar a temática para qualificar a assistência a saúde das mulheres. A pesquisa qualitativa proporciona construir novas abordagens e novos conceitos, permitindo a possibilidade de esclarecer a maneira como a população interpreta o modo de viver, sentir e pensar. Analisa a história, relações, crenças, percepções e opiniões. Este estudo será desenvolvido no Serviço Integrado de Saúde (SIS – UNISC). Clínica escola onde é desenvolvido estágios dos cursos de psicologia, nutrição, medicina e enfermagem. Para atender as indicações da metodologia qualitativa descritiva exploratória será realizada entrevista individual semi-estruturada, composta por um roteiro de questões abertas. Farão parte deste estudo mulheres acima de 18 anos, até os 50 anos que decidiram não ter filhos. Esta faixa etária foi definida considerando a emancipação e entrada no período do climatério.

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 6, sala 603

Bairro: Universitário

CEP: 96.815-900

UF: RS

Município: SANTA CRUZ DO SUL

Telefone: (51)3717-7680

E-mail: cep@unisc.br



Continuação do Parecer: 2.417.740

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Problematizar com mulheres sobre a escolha de não ter filhos

Objetivo Secundário:

- Conhecer quais são os fatores considerados determinantes para decisão de não ter filhos;
- Identificar as percepções destas mulheres em relação à maternidade
- Analisar como estas mulheres percebem a assistência a saúde quando manifestam o desejo de não ter filhos

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Importante ressaltar que este estudo não oferece nenhum tipo de riscos aos sujeitos da amostra, caso estes sintam qualquer tipo de desconforto decorrente da realização da entrevista, poderão solicitar a interrupção de sua participação

Benefícios:

No que se refere aos benefícios do estudo, ele proporcionará a realização de reflexões que poderão colaborar para qualificação da assistência prestada as mulheres que decidem não ter filhos, oferecendo subsídios aos profissionais no que se refere a esta temática.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa apresenta delineamento adequado, com objetivos exequíveis e coerência metodológica

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos apresentados adequadamente

Recomendações:

Ok

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Ok.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto em primeira versão.

Projeto aprovado e em condições de ser executado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 6, sala 603
Bairro: Universitario **CEP:** 96.815-900
UF: RS **Município:** SANTA CRUZ DO SUL
Telefone: (51)3717-7680 **E-mail:** cep@unisc.br



Continuação do Parecer: 2.417.740

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1038955.pdf	22/11/2017 17:19:55		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	22/11/2017 17:18:49	Vera Elenei da Costa Somavilla	Aceito
Cronograma	cron.pdf	22/11/2017 17:18:06	Vera Elenei da Costa Somavilla	Aceito
Orçamento	orc.pdf	22/11/2017 17:17:05	Vera Elenei da Costa Somavilla	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	carta.pdf	22/11/2017 17:11:52	Vera Elenei da Costa Somavilla	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	TCC.docx	22/11/2017 17:10:14	Vera Elenei da Costa Somavilla	Aceito
Folha de Rosto	Folha.pdf	22/11/2017 17:09:12	Vera Elenei da Costa Somavilla	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTA CRUZ DO SUL, 06 de Dezembro de 2017

**Assinado por:
Renato Nunes
(Coordenador)**

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 6, sala 603
Bairro: Universitario **CEP:** 96.815-900
UF: RS **Município:** SANTA CRUZ DO SUL
Telefone: (51)3717-7680 **E-mail:** cep@unisc.br